

Desde bem antes da pandemia, falava-se de crise institucional, falência do modelo estatal, distopia e disfuncionalidade do público governamental. Há tempos, portanto, as bolhas que, ao fim, integram a sociedade, reclamam das instituições e do TODOS CONTRA TODOS, sempre responsabilizando o outro por essa prática. Karnal nos dá uma boa pista: "o ódio é um sintoma fabuloso para falar de meus recalques, das minhas dores, meus medos e anseios". No plano individual, segundo Karnal, o ódio tem uma boa função: "ele revela a minha fraqueza. E, se eu desejo melhorar, a primeira missão é encarar a medusa. Se não, o ódio vai me dominar".

Em 1993, Sérgio Paulo Rouanet edita o seu Mal - estar na modernidade. Em um plano coletivo e numa abordagem histórico-sistêmica, ele nos conta uma versão-diagnóstico que abarca e é, noutra perspectiva, as raízes profundas do problema.

Cerca de 30 anos depois da publicação, o mal-estar está uma vez mais evidenciado, desta feita com a nova indumentária dos tempos das redes sociais e das tecnologias chamadas disruptivas. À partir de Rouanet, as agruras vividas em dois mil e vinte poucos são meros efeitos de uma crise que não é da modernidade em si, ou da sociedade em rede, trata-se de um profundo abalo. No nosso projeto moderno de civilização, um modelo de ser - estar - no mundo sustentado por três baluartes: a universalidade (que visa a todos os seres humanos), a individualidade

(que vê os seres humanos como pessoas concretas e não integrantes de uma coletividade) e a autonomia (que permite a cada ser humano pensar por si mesmo, sem tutela). O que assevera Rouanet: " esse projeto civilizatório está fazendo água por todas as juntas". Só para exemplificar, " O universalismo está sendo sabotado por uma proliferação de particularismos; A individualidade submerge cada vez mais no anonimato do conformismo e da sociedade de consumo; e a autonomia, principalmente a econômica, é uma mentira sórdida para os três terços do gênero humano que vivem em condições de pobreza absoluta.

A crise passa, indiscutivelmente, pelo dilema máximo de Tocqueville: liberdade e igualdade: conciliáveis? Alex de Tocqueville repensa o problema francês da igualdade e da liberdade para equacioná-lo na única saída possível: A DEMOCRACIA.

Melhor expressando, importa amainar-se as tendências individualistas do ser humano em proveito do resgate do espírito de fraternidade universal.

Em 1971, Robert A. Dahl publica o seu "Poliarquia", estudo teórico sobre critérios a considerar para classificar como minimamente democrático em estado-moderno. Na sua obra, Dahl reserva o termo "democracia" para um sistema que seja caracterizado pela qualidade de ser, inteiramente, responsivo a todos os seus cidadãos.

Tratando-se de uma categoria ideal, para o seu estudo foi irrelevante se realmente existe, existiu ou existirá uma " democracia".

Por outro lado, para que um sistema possa continuar figurando entre as democracias, segundo o autor, é exigido que todos os cidadãos tenham oportunidades plenas de:

- 1) formular suas preferências;
- 2) expressar essas preferências aos concidadãos e ao governo através de ação individual e coletiva;
- 3) ter suas preferências igualmente consideradas na conduta do governo (sem discriminação de conteúdo ou de fonte).

Esse constructo teórico não teve, em Dahl, qualquer pretensão reducionista, ele foi fruto de um corte epistemológico.

Pois bem, o que importa afirmar é que o autor chamou de Poliarquia os sistemas que mais se aproximam do ideal democrático, baseado na satisfatória ou preponderante presença de CONTESTAÇÃO PÚBLICA e de DIREITO DE PARTICIPAÇÃO. Ainda mais importante, Dahl conclui que a garantia de um alto teor democrático defende de garantias institucionais. Sendo mais preciso, as poliarquias tendem à democracia quando são dotadas de um

ambiente institucional forte que possa suportar o cumprimento de uma lista de oito garantias elencadas pelo próprio autor.

Enfim, a sociedade, o cidadão engajado e as instituições, por meio de seus representantes e integrantes, não podem permitir o menoscabo e o sangramento público de suas instituições. O contrário não é inteligente, é um risco que não precisamos suportar. A responsabilidade é do indivíduo, das bolhas e de TODOS A FAVOR DE TODOS.

As instituições que se situam no público governamental têm de buscar comunicação horizontal com a sociedade, como Castells bem identificou, partindo de um olhar franco e de uma postura que trescale permanente responsividade. Rosanvallón nos fala de um cenário de contrademocracia, de uma crescente desconfiança democrática. O destencionamento tem de ser praticado permanentemente, a legitimação vem em ondas de pervasividade resolutiva (escutar, construir agendas pervasivas, formular políticas pertinentes).

No ponto, os órgãos de controle, em específico o Sistema Tribunal de Contas, têm de andar com uma pergunta de algibeira: Para o que é mesmo que existo e sirvo? A resposta, inexoravelmente, passa pela missão inobliterável de avaliar e induzir os governos a exercer suas respectivas atividades

financeiras em proveito de políticas públicas que entreguem, impactem positivamente e, enfim, realizem o Direito Fundamental à Boa Administração Pública.

Por outro lado, o público governamental também carece de uma comunicação interna mais fecunda. Os órgãos falam uns com os outros através de seus respectivos dialetos. Quem fala não comunica, quem ouve entende tudo a partir de seus códigos próprios. A comunicação não acontece.

André Luiz de Matos Gonçalves, em obra alentada e profunda, pensa as políticas públicas a partir da ausência do auxílio do controle externo no planejamento e processamento do orçamento. No ponto, há uma dissociação grave entre as políticas públicas previstas no orçamento e o contentamento social. A ideia é o controle externo presente, como observador participante. Mais, o autor preconiza a utilização da técnica descrita por Luhmann para o aperfeiçoamento do sistema de controle por meio do acoplamento estrutural, no caso acoplamento estrutural fiscalizatório. Sendo mais preciso, sugere-se que deve haver controle acoplado entre os sistemas organizacionais da justiça, do Ministério Público e dos Tribunais de Contas em relação às políticas públicas estruturantes. Para tanto, temos de superar as dificuldades de comunicação entre os sistemas de justiça e de contas.

Rematando, o ambiente público governamental precisa estar atento ao tempo e ao cotidiano. Ambos são prestidigitadores, ilusionistas, mormente no torvelinho do ritmo presente em que a vida anda. Contamos o tempo em anos, e eles passam apressurados como se meses fossem. Já os dias, eles são invisibilizados pelo cotidiano em suas apneicas rotinas, muito embora, no agora, eles (os dias), possam ser representados por pedras concentradas de mudanças vertiginosas nos "saberes", nos "quereres", nos "pensares", nos "agires". Um dia "do agora" é muito tempo. Os ilusionistas é que não nos deixam ver... Os dias são longos como os anos.

As instituições devem refletir sobre a ampulheta quebrada pela personagem de Lígia Fagundes Telles:

"Lembro da ampulheta quebrada, entrei no escritório do pai pra pegar o lápis vermelho e esbarrei no vidro do tempo. Fiquei em pânico vendo o tempo estacionado no chão: dois punhados de areia e os cacos. Passado e futuro. E eu? Onde ficará eu agora que o era e o será se despedaçaram? Só o funil da ampulheta resistira e no funil, o grão de areia em trânsito sem se comprometer com os extremos. Livre sou."

Digo eu, nós, as instituições públicas, livres NÃO SOMOS! É verdade que passado e futuro não existem? É verdade! Mas então para que servem passado e futuro já que só estamos e estaremos no presente?

Futuro é uma ideia fundamental. As instituições têm de ter amor ao planejamento, ao empreendedorismo, ao devir devidamente plantado no presente e colhido no presente seguinte, o ponto futuro. O público governamental, nesta quadra, é obrigado a internalizar o modo *Startup* de ser, controlando riscos e bancando fracassos produtivos. Nenhuma instituição ou pessoa, nos anos dois mil e vinte e poucos, pode dar-se ao luxo de largar seus olhos "armando o bote sem futuro" (trecho de *Asa Partida* - de Abel Ferreira e Raimundo Fagner).

As instituições, na mesma toada, devem respeito ao passado, embora inexistente. Há que se renovar as releituras do passado, como quem aprecia álbuns de fotografia.

Com razão, Francisco Carlos Teixeira e Karl Schurster, inspirados por Walter Benjamin, arredam "a insistência dos historiadores num tempo progressivo, cronológico - o tempo em flecha - que traria em si um processo progressivo associado de forma genética aos ideais de progresso do iluminismo". Não existe, no plano dos fenômenos sociais, um progresso sempre benigno, altruísta e

libertador. Isso é apenas uma crença pueril. Tudo o que foi muito bom e tudo o que foi muito ruim poderá voltar, pois o tempo, o prestigeador, como foi dito, não progride como uma flecha.

Estamos reunidos neste final de tarde, dia 08 de janeiro de 2024, para dar conhecimento da mudança de comando do TCE/PE, testemunhando a saída do Conselheiro Ranilson Ramos (com o dever cumprido com excelência e distinção), e a chegada do Conselheiro Valdecir Fernandes Pascoal para exercer o seu segundo mandato.

Esses momentos precisam ser marcados com o júbilo merecido, pois trata-se de sintoma de robustecimento e amadurecimento institucional, além de representar culto e homenagem ao missal democrático.

A gestão do nosso colega e amigo Ranilson é digno de prédicas e de gratidão. A administração desta Casa, no biênio 2022/2023, foi em tudo equilibrada, nada passou despercebido, os cuidados e as melhorias chegaram a todos os quadrantes, o que só ocorreu porque o comandante em chefe é dotado de sensibilidade, inteligência e experiência difíceis de encontrar na maioria das pessoas. Tratam-se de qualidades cogeniais, intransferíveis.

O olhar de Ranilson foram e são três: a primeiro um para dentro da Casa; o segundo para fora da Casa;

e o terceiro, mais surpreendente, de fora para dentro da Casa, quase uma experiência extracorpórea, que me faz lembrar o poeta-engenheiro:

*Meus olhos têm telescópios
espiando a rua,
espiando minha alma
longe de mim mil vezes.*

Daí porque você, meu amigo, domina tão bem o mar-de-dentro e o mar-de-fora. À míngua desse olhar (que são três), reafirmo que o seu antecessor jamais chegaria ao seu preciso diagnóstico, jamais conseguiria edulcorar as relações internas e dotar o TCE de um tom institucional adequado para a saída do momento pandêmico. As coisas são como são e precisam ser ditas em público.

Assim é que foram adotadas ações inspiradas na isonomia entre membros do Conselho e do MPCO, cuidou-se de executar o orçamento com racionalidade e sustentabilidade... foi na gestão de Ranilson que o TCE fincou, definitivamente, os pés nas terras devolutas da análise de políticas públicas (Primeira Infância, resíduos sólidos, cobertura vacinal, transporte escolar, etc).

Tínhamos o bosquejo, o engaste da joia... A gestão de Ranilson colocou a pedra em seu lugar preciso, preciosa. Tenho, temos e teremos de exaltar a gestão de Ranilson Ramos. Por fim, não posso olvidar (aspecto que muito me tocou), a forma como o "Baixinho" lidou com os "pequenos" (nossos terceirizados), com atenção e reverência às suas necessidades. Algo eloquente, fala muito sobre ele, e sobre as suas humanidades.

Chega o vau de minha principal fala de hoje. Fui incumbido de saudar o presidente que chega, Valdecir Fernandes Pascoal. Sinto-me honrado e verdadeiramente legitimado para a missão. Sou amigo-irmão de Pascoal, nossas trajetórias no controle externo são muito parecidas (falo em relação aos desdobramentos dos fatos, não à importância e ao brilhantismo que sempre acompanharam e acompanham o meu amigo em toda a sua jornada profissional), somos coetâneos em relação ao tempo de vida e ao tempo de controle externo. Para mim, sinceramente, uma preciosa oportunidade para falar sobre um ser humano em tudo rico, largo e profundo; humanista praticante e irrecuperável; filho, esposo, pai, padrinho-avô, irmão e amigo sem reparos; cidadão modelo e servidor público tão vocacionado quanto brilhante; escritor transformador e percuciente; professor revelador, decisivo, inesquecível. Enfim, dentro do corpo que convenciamos chamar de Pascoal habita uma alma com valências magnânimas e raras, evidentes talentos,

sentimentos nobres, visão profunda e atual da vida e do mundo.

Pascoal é o sexto e último filho de Seu Valdecir (farmacêutico-médico) e Dona Cidinha (educadora, diretora escolar e escritora). Ponta-de-rama temporão, portanto estava destinado a ser paparicado pelos 5 (cinco) irmãos mais velhos: Yara, Inalda, Ilma, Ilka e Istênio.

Da saga familiar bem sei, pois tudo, absolutamente tudo, foi contado por Dona Cidinha em seu livro (Guardando as Recordações). Um exemplar foi-me presenteado com uma fogueira dedicatória de Pascoal. A leitura surpreende, não se trata de meras memórias de uma mulher octogenária, é uma escrita com estofo, estro e estilo literários. A história é aqui contada a partir da trajetória de Dona Cidinha.

Nasce na região serrana de Luís Gomes, fronteira com a Paraíba e o Ceará. A família é transferida para o Sítio São Miguel, em 1934. Ocorre um grande golpe em sua vida, perde a mãe antes de completar 1 (um) ano de vida. As dores são sentidas muito depois, expressadas em uma "saudades do que não existiu".

Foi morar com sua avó-mãe, Dona Mariinha, no Sítio Diamantino. Nunca faltou-lhe amor, prumo e apoio do pai e da avó. Deixa o Diamantino e vai morar com o pai e tia Nilza em Uiraúna, ou Canaã no passado, onde começam os seus estudos. De lá para

Patos, centro de conhecimento da região. Retorna, já formada, para ser educadora em Luiz Gomes. É quando acontece Seu Valdecir, "o melhor dos encontros". Festa de Santana, 1950, um grande e tradicional baile... dançaram a noite inteira. Cidinha sobre Valdecir:

"A característica mais emblemática do seu caráter sempre foi a honestidade. Homem sério, íntegro, correto, disciplinado, austero com as finanças, cumpridor de seus deveres, um Pai exemplar e à frente do seu tempo, pois me ajudava a cuidar, dia e noite, de todos os nossos filhos... Trabalhador determinado e incansável, por isso, com toda a justiça sempre foi respeitado como farmacêutico provisionado, e toda a população de Luís Gomes que conviveu com ele lhe tem a maior gratidão e o maior respeito. Quantas e quantas noites, de domingo a domingo, ele era chamado para atender a doentes, muitas vezes em sítios e locais distantes e tendo de ir à cavalo?"

Foi muito mais que farmacêutico, força de seus compromisso e solidariedade... força da necessidade!

Seu Marcos, poeta popular de Luís Gomes, retrata muito bem o compromisso de Seu Valdecir com quem precisava de medicina:

Valdecir era o Doutor

Quando alguém adoecia

passava o medicamento

Assim era todo dia

Do povo, aquele tormento

Quando se agasalhava

Às vezes surpreso acordava

Ouvindo gritos de dor

Alguém estava doente

Pra toda classe de gente

Valdecir era o doutor

.

.

.

Quando Valdecir morreu

A medicina calou-se

Todo Luís Gomes entendeu

Que tempo bom acabou-se

Várias mulheres avisando

Muitas delas, pranteando
Lamentando o grande horror
Acabou-se um grande amigo
Até para o inimigo
Valdecir era o doutor.

Os filhos cresceram, alguns já estudavam em João Pessoa. Seu Valdecir, Dona Cidinha e Pascoal pegam uma curva rumo à capital da Paraíba. Pascoal havia ido uns dias antes. O silêncio da longa viagem foi quebrado quando o casal adentrou à Rua Paulinho de Albuquerque. Pascoal esperava ansioso, saiu gritando "Chegaram! Chegaram!", correndo e seguindo os carros. Em minutos estavam todos abraçados. Esse abraço NUNCA ACABOU.

Mais à frente falarei de outro abraço interminável.

Pascoal é potiguar há 55 anos; tornou-se paraibano há 45 anos; é pernambucano há 32 anos. Destinado a ser pan-nordestino, nacionalizou-se depois. Um reconhecimento que veio por gravidade, tamanha a repercussão e a solidez de suas ações quando presidiu a Atricon durante 4 anos.

Formado em Economia, Administração e Direito, pós-graduado em Direito e autodidata em diversos outros saberes.

Preciso fazer duas advertências para, na sequência, fazer uma afirmação com a minha mais profunda convicção.

A primeira advertência: guardo profundo respeito a todos os conselheiros que passaram pelo TCE/PE durante esses mais de 30 anos que sirvo ao sistema. Exprimo esse sentimento misto de gratidão e respeito por meio da mais famosa poesia do Poeta-Pintor: É claro que um galo sozinho não tece uma manhã. O grito de muitos galos se cruzam para formar fios de sol, depois nasce uma teia tênue, que encorpa em uma tela, a tela se transmuda em toldo que plana livre de armação... Surge a manhã, um toldo de tecido aéreo, que cobre a todos, e, por fim, se eleva por si: luz balão.

Uma instituição sólida e republicana como é o TCE/PE, reconhecida nacionalmente por isso, só é possível num processo ininterrupto de elevação da luz balão. Ademais, as instituições desenvolvem algo que é tecnicamente chamado de "*Path dependence*", um conjunto de práticas e modos de ser que ninguém sabe ao certo quem criou e quando foi implantado, a chamada cultura institucional. A chegada de gente nova não as arreda.

A segunda advertência: o que vou asseverar é de minha inteira responsabilidade. É como as verdades de geometria euclidiana. Isso é bem explicado por Einstein em um livro destinado a leigos como eu, ou

seja, um exemplo cabal de como urdimos, acreditamos e repetimos as nossas verdades:

A geometria parte de certos conceitos básicos, tais como **plano, ponto e reta**, com os quais somos capazes de associar idéias mais ou menos claras, e de certas proposições simples (axiomas) que, em virtude dessas mesmas idéias, tendemos a aceitar como "verdadeiras". Todas as demais proposições são então provadas, isto é, reduzidas a esses axiomas por meio de método lógico cuja validade somos compelidos a mais ou menos reconhecer... Portanto a "verdade" das diferentes proposições da geometria se reduz à questão da "verdade" dos axiomas.

Feitas as necessárias advertências, partindo de meus próprios pontos, planos e retas, posso asseverar que Valdecir Fernandes Pascoal, dentro do nosso mundo, é o maior representante de minha geração. Digo mais, Valdecir Fernandes Pascoal é a maior e mais significativa personalidade do controle externo de Pernambuco em todos os tempos. É um dos cinco mais importantes atores do Sistema de Controle Externo do Brasil.

Em relação à sua passagem pela Presidência da Atricon, tenho algo a considerar. Pascoal dobrou, foi simultaneamente presidente da Atricon e do nosso TCE/PE. Impressiona-me essa sua energia realizadora, ele tem o talento de ler instantaneamente os cenários, agir, realizar e entregar. É emulativa e contagiante a sua capacidade de realização.

O significado da passagem de Pascoal pela ATRICON deve ser associado ao significado de Primavera, inclusive é o título e a ideia-força de seu terceiro livro. Primavera é o primeiro verão, estação temperada e amena quando a cantoria das aves é marcante e o nascimento dos filhotes e das flores atestam a renovação da vida. Com a ajuda de seus companheiros (Antônio Joaquim, Fábio, Miola e outros), o presidente pascoal fez soar o primeiro movimento da Primavera de Vivaldi dentro de todo o Sistema.

O movimento, exatamente como a peça do compositor de Veneza, foi rápido, allegro, e estabeleceu o despertar dos Tribunais de Contas para a autocrítica, para a necessidade de incessante aprimoramento e para a sensibilização em relação aos problemas enfrentados pelos cidadãos que mais precisam de Estado e que menos contam com a participação em sua agenda.

Essa revolução copernicana deve-se, em grande medida, ao seu talento para desenhar, com precisão, o que lhe encanta, como também para debuxar o que é preciso conceber a partir desse encantamento. Parece muito com o processo de apreensão de um trecho de música que nos toma em embevecimento (como descreve Proust). Pascoal pula a primeira fase em que não distinguimos nitidamente os seus contornos melódicos e harmônicos ("fase em que a música abre a alma como certos perfumes de rosas, circulando no ar úmido da noite, têm a propriedade de nos dilatar as narinas" - Marcel Proust). Ele já passa para o segundo estágio, sem precisar acessar novamente a peça musical... já firma extensão, grupos simétricos, grafia, valor expressivo, ou seja, já não é música pura, é desenho, arquitetura, pensamento e ação.

É um escritor fecundo. O seu primeiro livro é um título seminal: "A intervenção do Estado no Município. O papel do Tribunal de Contas". Neste trabalho ele traz à luz todas as polêmicas que giram em torno do prefeito como ordenador de despesas a partir do célebre voto do Ministro Célio Borja; O segundo trabalho é um presente aos seus queridos alunos, mais uma entrega rigorosamente honesta, pois Pascoal não sabe reter conhecimento, tempo, energia e humanismos. Transcende em muito um Vade Mecum, um mero manual para estudos dirigidos; Sua terceira obra, como dito, é sobre seu périplo em campos primaveris.

É um articulista que destila uma linguagem que é misto de jornalismo, conto, fábula e poesia. Sou um leitor realizado dos artigos de Pascoal. Para quem não entende bem o que realmente representa e o que são os Tribunais de Contas, recomendo a leitura da série de artigos "Tribunais de Contas - Diálogos (de 1 a 5)", atalho para uma compreensão profunda.

Na minha fala de hoje, o recorte que mais me diz respeito é o da amizade fraterna, viçosa e sólida que sempre permeou a minha convivência com Pascoal.

A nossa amizade dura mais de 30 (trinta) anos, um tempo substancial considerando, que nós, os habitantes do lado Belga da Belíndia de Edmar Bacha, temos uma expectativa de vida em torno de 80 (oitenta) anos. Sou amigo de Pascoal por um período superior à metade de minha existência.

Como falar justo sobre sentimento que, em mim, provoca tanta enlevação?

O certo é que, em se tratando, especificamente, desta amizade e deste amigo, não corro o menor risco de sucumbir a uma certa emoção que emerge *"quando, mesmo sem o notar, dizemos uma coisa não porque seja verdadeira, mas porque sentimos prazer em dizê-la e a escutamos através de nossa própria voz como se não viesse de nós mesmos"*, conforme advertiu Proust.

Quero falar deste Pascoal, "o meu amigo", sem me perder nos intrincados labirintos dos adjetivos, armadilha à qual sou muito suscetível. Recorrer a

sintagmas adjetivais é caminho quase certo que percorro para revelar meus sentimentos com precisão. Nem sempre logro êxito, não raro deixo frescor, a força e o sabor do que sinto diluir-se em insípido caldeirão de predicativos. Muito engalanar pode degenerar em hipérbole (o que seria impossível ocorrer em relação a Pascoal), como pode degenerar em ocultação da beleza que só se revela na figuração despojada.

Neste recorte, convém invocar o Caymmi descrito por Chico Buarque: essencial, despojado, dotado de uma espécie de concisão necessária para que não reste sombreada, por excesso de colares e adornos, a beleza do colo.

Enfim, para falar de minha amizade por Pascoal e amizade de Pascoal por mim, recorro a um clássico dos Rolling Stones, a canção simples e reveladora "*Waiting on a friend*" ("Esperando um amigo). A meu ver, não basta ouvir o áudio da canção, o clipe (vídeo curto usado para mostrar e promover a música) é parte integrante e indissociável do completo sentido. Trata-se de um audiovisual que cumpre os desígnios da poesia de João Cabral: concisão de linguagem, clareza de imagens, lirismo racional e, principalmente, disposição de dar a ver.

Peço licença aos Stones, mas fiz para este fim uma tradução livre, ao mesmo tempo adaptação ao momento e revelação de sentido.

A letra que flui da melodia:

*Ver as garotas desfilando, não será a
última coisa.*

Eu só estou largado à frente da porta.

*Eu só estou tentando fazer algum
sentido*

Eu não estou esperando uma garota,

Eu só estou esperando um amigo.

*Um sorriso alivia um coração que
sofre*

Lembre o que disse,

Eu não estou esperando uma garota

Eu só estou esperando um amigo

Hoje eu não preciso de uma farra,

*Não preciso de conselhos professorais,
ou suporte sacerdotal.*

*Preciso de alguém para lamentar-me e
proteger-me, inclusive de meu próprio
lamento.*

Eu não estou esperando uma garota,

Estou só esperando um amigo.

A letra é direta e algo adolescente, com todos aqueles ingredientes e aquela energia hormonal que caracterizam o Rock'n'Roll. O "só", de "só estou esperando um amigo", emprestam importância e grandiosidade ao encontro que está prestes a ocorrer... O encontro com um amigo é sempre despojado, portanto nobre, sublime. Quando adolescentes, encontrar uma garota exige preparação em relação ao vestir, ao que falar, a como gesticular, e a como reprimir os impulsos pueris. O encontro com um amigo, na mesma quadra da vida, exige quase nada: a roupa é a da ocasião, o assunto é o de urgência (inclusive os inconfessáveis), os gestos e impulsos são os cotidianos.

E quanto à descrição do que ocorre no clipe?!

Mick Jagger está em um alpendre, em frente à porta de sua casa. Sua forma de mostrar-se é formal, roupas convencionais (camisa xadrez ensacada, calça branca e chapéu "panamá") e postura fidalga, do seu jeito "lorde inglês" de ser. Espera por Keith Richards.

De algum outro ponto da cidade Keith Richards deambula como se não integrasse a cena urbana, ele deixa entrever que sobrepaira, não integra ou participa do conjunto que se vê. Veste-se despojado, age desprogramado. Casual como tudo que ele emana.

Keith aproxima-se de Mick e abraça o amigo que o esperava. O abraço! Este é o ponto.

É sobre amizade fraterna entre pessoas que trabalham no mesmo espaço, fazendo a mesma coisa. É sobre amizade fraterna entre pessoas muito distintas, na forma de se mostrar e existir entre semelhantes. No clipe, como entre mim e Pascoal, uma verdade absoluta. Toda essa descrição com a tentativa e a intenção de inserir os que me ouvem na cena do sentimento.

Uma última observação: Mick e Keith se conheceram quando tinham oito anos de idade, portanto ainda na infância... eu e Pascoal também nos conhecemos na infância, se considerarmos tudo o que mal sabíamos e tudo o que aconteceu após aqueles primeiros meses de 1993. Ao contrário da infância dos dois Stones, a nossa dava-nos a certeza arrogante de um caminho mais curto e óbvio, éramos cheios de juvenilidades e olhares desconfiados para os projectos.

Quanto ao abraço, aquele de Mick e Keith, eu nunca precisei pedi-lo a Pascoal, ele sempre esteve por perto e procurando informar-se sobre como a vida estava. Desde os tempos das "peladas do Jet Club", esse abraço também nunca acabou.

E quanto ao melhor encontro de Pascoal?

Ocorre em uma escola de João Pessoa. Ele, Pascoal, o galã do pedaço... Todas as meninas suspiravam quando ele dava o ar da graça. Ela, Dalva, menina talentosa, séria, comprometida,

estudiosa. Era a "CDF" do colégio. Um casal nos moldes Nando Reis (você me achava esquisito, eu te achava tão chata). Tudo resolvido num dia das crianças. Feriado e o colégio promove um passeio, um final de semana em Fortaleza. Um ferro emprestado e queimado propicia as primeiras conversas. Depois foram juntos à Feira dos Municípios em 24/10/84. Pascoal pede Dalva em namoro com a seguinte advertência: "meus namoros nunca duraram mais de um mês e vinte dias". Enfim, nunca mais se desgrudaram!

Dalva é uma bússola e um fanal para Pascoal. Forte, talentosa e denodada. Foi a mulher que lhe deu uma sólida família, sua pátria, seu torrão, o ponto mais telúrico de sua existência, onde ele foi definitivamente plantado.

Junto com Dalva, deu à luz Bárbara e Beatriz, nas palavras de Dona Cidinha, "o melhor dos seus sonhos, amor sem beirada, maior que o instinto de autopreservação".

Pascoal seguiu o exemplo de Seu Valdeci (o velho do espelho), foi companheiro de Dalva no dia a dia das meninas, acompanhou, de forma extremosa, todos os momentos das amadas filhas. Como seu pai, é um homem à frente de seu tempo, em muitos momentos dedicou-se às meninas para que Dalva pudesse elevar sua vida profissional a outros píncaros. Sempre nutriu profundo respeito à individualidade da

mulher, com sua companheira nunca agiu como que a colocar o feminino numa categoria fixa e singular.

Durante a pandemia, todos em casa, aconteceu José, ou Arthur José. Pascoal e Dalva derramam-se de amores pelo afilhado-neto. Afinal de contas, amor e ternura sempre abundaram neste casal.

Pascoal chega mais maduro, pronto para os desafios do biênio, como sempre esteve. É seu segundo mandato, irá singrar novas águas, irá abrir novos mares, realizará, como em tudo que faz, a sua ideia de democracia e republicanismo dentro e fora do TCE.

Já finalizando, reconheço as dificuldades do momento, vivemos um momento psicológico de hiância. Estamos diante de uma assuada de opiniões contrárias e hostis. O prorromper da Inteligência Artificial nos lança a dúvida: estamos à beira da distopia, ou realizaremos o ideal de Domenico de Masi (as máquinas trabalhando no trivial e os seres humanos finalmente sendo livres, felizes e dedicados a atividades nobres)?

Nós que fazemos o controle temos de estar fortes o suficiente para que o príncipe não ganhe sua eleição como quem acha o anel de Giges. Noutra banda, temos de nos reinventar para poder ajudar o bom príncipe a conceber políticas públicas sustentáveis e resolutivas, começando pela fome, a maior das indignidades do homem. Deveríamos nos

revoltar mais contra a fome, e também contra aquela meia fome que muitos sentem quando o cheiro do jantar das casas mais abastadas alcança os vizinhos famélicos... aquilo que José Henrique Bortoluci chamou pelo nome eufemístico de "vontade", invocando a poetisa dinamarquesa Tove Ditlevsen.

Apesar de todas as leituras de cenários, e todas as ações e precauções, a perplexidade e as dificuldades são inevitáveis para quem vive.

Os momentos penumbrais se imporão, independente do que pudermos pensar, fazer ou suscitar. Confiança já no caminhado e fidelidade de princípios muito importam, embora tenhamos de, algumas vezes, nos lançar no influxo dos fatos que trazem o lusco-fusco e a escuridão de momento, como expressado por Bruce Dickinson na canção "Tears of the Dragon" (As lágrimas do dragão):

"...o gelo começou a quebrar
Eu não tenho poder sobre isso.
Você sabe que estou com medo
O quebra-mar que construí
Está desmoronando
A água está se movendo
Estou sendo levado para longe
Me joga para dentro do mar

Me lanço à onda
Deixo ela me levar.
Para encarar o medo
Cheguei a acreditar que
As lágrimas do dragão
Eram pra você
E pra mim”

A canção de Bruce é baseada em uma fábula japonesa escrita por Hiroshige Hamada. Nela está contida a razão e o gatilho das lágrimas do animal fabuloso.

“Em lugar muito longe, em um país estranho, vivia um dragão. Sua casa ficava em uma caverna funda, encravada na montanha, de onde seus olhos brilhavam como faróis. Quando algumas pessoas que viviam nas proximidades estavam reunidas à noite ao redor do fogo, alguém costumava falar:

- Que dragão terrível vive perto de nós!
- Alguém precisa matá-lo!

As crianças se apavoravam quando ouviam sobre o dragão

Mas havia um garotinho que nunca se amedrontava com essas histórias

Quando se aproximou a data de seu aniversário, a sua mãe perguntou quem ele queria convidar para seu aniversário.

- Mãe, eu quero convidar o dragão.

A mãe - Você está brincando?

O garoto respondeu decidido:

- Não, estou falando sério. Quero convidar o dragão.

No dia anterior ao seu aniversário o menino foi à caverna. Insistiu no convite.

O dragão relutou em acreditar.

A insistência do menino convenceu e comoveu o dragão.

As lágrimas do dragão escorreram até formar um rio.

Em retribuição, o dragão colocou o menino nas costas e o levou de volta à sua casa.

O corpo do dragão mudou de forma e tamanho... de repente o garotinho estava navegando bravamente rio abaixo em direção a sua casa como capitão de um barco-dragão a vapor.”

Dentro de nosso contexto a canção e a fábula conversam. Escuto este diálogo com atenção.

Concluo que poderemos nos lançar no mar sem medo, sem dúvida e sem angústia. Teremos de bem escolher a onda mais propícia que nos lavará, levará e salvará. A razão é óbvia: nosso timoneiro do próximo biênio, Valdecir Fernandes Pascoal, é o garotinho da fábula de Hamada, pois ele tem a coragem, a hombridade e a generosidade de convidar o dragão para o seu aniversário. E ele tem mais coragem ainda, a de deixar fluir a pureza de acreditar na bondade do dragão.